FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO SEGMENTO ANOS INICIAIS/ FINAIS NO TERRITÓRIO DO SISAL, NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR

Jeane Nascimento Santos[1]

Marcela da Silva Santana[2]

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se historicamente como um espaço marcado por disputas políticas, sociais, culturais e pedagógicas no interior da educação brasileira. Mais do que uma modalidade destinada à escolarização tardia, a EJA representa uma conquista histórica dos sujeitos que, ao longo do tempo, tiveram o direito à educação negado pelas desigualdades sociais, econômicas e territoriais que estruturam a sociedade brasileira. Nesse contexto, a modalidade emerge como expressão das lutas coletivas das classes populares, especialmente trabalhadores e trabalhadoras do campo, mulheres, sujeitos negros, populações periféricas e demais grupos historicamente marginalizados dos processos formais e informais de escolarização. Como consequência desse processo de acesso à educação, milhares de sujeitos tiveram suas trajetórias escolares interrompidas pelas condições precárias de vida, pelo trabalho precoce, pelas dificuldades de acesso à escola e pela ausência de políticas públicas efetivamente comprometidas. Nesse cenário, a Educação de Jovens e Adultos passa a constituir-se não apenas como política educacional, mas como espaço de resistência, produção de saberes e fortalecimento da cidadania dos sujeitos historicamente invisibilizados.

[1] Instituição. UNEB- Mestre em Educação de Jovens e Adultos, Coordenação Colegiada do Fórum de EJA do Território do Sisal. Coordenação Colegiada do Fórum de EJA da Bahia, Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Política e Avaliação Educacional na Bahia. Cidade. Associada ao GT18 da ANPED, Associada a aNPAE.Teofilândia- Ba, Brasil. E-mail: jeaneeducacaocampo@gmail.com.

[2]Marcela da Silva Santana é mestranda em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É especialista em Educação do Campo pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Atualmente, atua como professora dos anos iniciais na Escola Municipal São João Batista, localizada no povoado Quixaba do Mandacaru, zona rural do município de Tucano, Bahia. E- mail:marcelasanantana@gmail.com.



Compreender a EJA exige romper com perspectivas reducionistas e compensatórias que, durante décadas, contribuíram para silenciar os sujeitos da modalidade e desconsiderar seus conhecimentos e experiências de vida. Conforme destaca Miguel Arroyo (2005), os sujeitos da EJA carregam trajetórias marcadas pela negação histórica de direitos fundamentais, como educação, terra, trabalho e dignidade. Entretanto, tais sujeitos também produzem experiências, memórias e conhecimentos construídos nos territórios onde vivem e resistem.

No contexto do Território do Sisal, essa discussão torna-se, necessária diante das profundas desigualdades sociais que atravessam a realidade das populações do campo.

Nesse sentido, pensar a formação de professores/as da EJA implica compreender que a prática docente precisa dialogar diretamente com os sujeitos da modalidade.

Diante desse contexto, o presente trabalho problematiza a seguinte questão: como a formação de professores/as da Educação de Jovens e Adultos, nos anos iniciais e finais do/no Território do Sisal, pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas fundamentadas na educação popular? A problemática anunciada surge da necessidade de refletir sobre os desafios presentes na formação docente para atuação na modalidade, especialmente em contextos rurais marcados por desigualdades sociais. O objetivo geral deste trabalho consiste em discutir a formação de professores/as da EJA no Território do Sisal na perspectiva da educação popular, analisando os desafios, as possibilidades e as contribuições dos processos formativos para a construção de práticas pedagógicas críticas, contextualizadas e emancipatórias. Como objetivos específicos, busca-se compreender a EJA enquanto campo de direitos; refletir sobre a importância da formação docente articulada às experiências territoriais dos educandos; analisar as contribuições da educação popular para a construção de práticas pedagógicas humanizadoras; e discutir a valorização dos saberes populares nos processos educativos desenvolvidos na modalidade. As contribuições de Paulo Freire (1987), tornam-se fundamentais para problematizar a lógica excludente historicamente presente na educação brasileira. Ao criticar a educação bancária, Freire denuncia práticas pedagógicas autoritárias fundamentadas na transmissão mecânica de conteúdos e na negação dos saberes produzidos pelos sujeitos populares. Para o autor, os educandos não são tabuas rasas destinados apenas à receptores passivos do conhecimento, mas sujeitos capazes de interpretar criticamente a realidade social. No Território do Sisal, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) assume características relacionadas às experiências, culturais, econômicas e sociais construídas pelas populações do campo. Segundo Miguel Arroyo (2005), os sujeitos da EJA carregam trajetórias



marcadas pela negação de direitos. As contribuições de Roseli Caldart (2004), faz-se necessário compreender a centralidade do território nos processos educativos desenvolvidos no campo. Para a autora, a Educação do Campo precisa estar articulada às experiências dos sujeitos campesinos, reconhecendo seus modos de vida, suas práticas culturais e suas formas coletivas de organização social. As contribuições de Vera Maria Candau (2008), ampliam essa discussão ao defender uma educação intercultural comprometida com o reconhecimento das diferenças culturais e com a valorização da diversidade presente nos espaços educativos. Para a autora, pensar práticas pedagógicas emancipatórias exige romper com modelos homogêneos de ensino e construir processos educativos fundamentados no diálogo entre diferentes saberes e experiências socioculturais. Dessa forma, pensar a formação docente para atuação na modalidade exige reconhecer que os educandos não são sujeitos "sem saber", mas homens e mulheres atravessados por experiências de trabalho, luta, resistência e produção de conhecimentos.

Nesse contexto, as contribuições da educação popular tornam-se fundamentais para repensar os processos formativos desenvolvidos junto aos/às professoras/as da modalidade.

Ao discutir a formação docente, Vera Maria Candau (2008), também contribui significativamente para compreender a necessidade de práticas pedagógicas fundamentadas no reconhecimento das diferenças culturais e na valorização da diversidade presente nos espaços educativos. Para a autora, pensar a formação de professores/as implica reconhecer os contextos socioculturais dos educandos e construir práticas educativas comprometidas com o diálogo intercultural e com a superação das desigualdades historicamente produzidas na sociedade brasileira. No contexto da EJA no Território do Sisal.

As reflexões de Bell Hooks (2013), também contribuem para ampliar esse debate ao defender a educação enquanto prática de liberdade e espaço de resistência frente às estruturas de opressão social. Nesse sentido, pensar a formação de professores/as da EJA no Território do Sisal implica defender processos formativos comprometidos com os sujeitos populares, seus territórios e suas experiências de vida.

Assim, a formação de professores/as da EJA precisa ser um processo contínuo, capaz de fortalecer práticas pedagógicas críticas, contextualizadas e humanizadoras.As contribuições de Ailton Krenak (2019), ajudam a compreender a necessidade de romper com modelos civilizatórios que desumanizaram os povos do campo.



Na EJA do Território do Sisal, tais reflexões tornam-se fundamentais para fortalecer práticas pedagógicas contextualizadas.

A discussão acerca da formação continuada de professores/as da Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui elemento central para compreender os desafios e as possibilidades da construção de práticas pedagógicas críticas. No contexto do Território do Sisal, essa discussão assume ainda maior relevância diante das especificidades sociais e culturais. Dessa forma, compreender a formação continuada de professores/as da EJA implica reconhecer que os processos formativos comprometidos nos processos de humanização emancipação.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, reflexiva e fundamentada nas discussões acerca da formação de professores/as da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no do Território do Sisal. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender os processos educativos para além de dimensões técnicas e quantitativas. Segundo Maria Cecília Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com significados, valores, crenças, relações sociais e experiências humanas que não podem ser reduzidas a dados estatísticos. A pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica construída a partir do diálogo com autores/as que discutem Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo e formação docente, entre eles Paulo Freire, Miguel Arroyo, Roseli Caldart, Vera Maria Candau, Bell Hooks e Ailton Krenak. As contribuições desses referenciais possibilitam compreender a formação de professores/as da EJA como processo político, ético e social articulado às experiências concretas dos sujeitos populares. Além da revisão bibliográfica, o trabalho dialoga com reflexões construídas a partir das experiências vivenciadas no contexto da Educação de Jovens e Adultos no Território do Sisal. As discussões desenvolvidas emergem das observações realizadas no cotidiano escolar, das práticas pedagógicas desenvolvidas na modalidade e das experiências construídas junto aos sujeitos da EJA em contextos rurais do Território do Sisal. A construção metodológica deste estudo ancora-se, nos princípios da educação popular, compreendendo o diálogo, a escuta sensível, a participação coletiva e a valorização dos saberes populares como elementos fundamentais dos processos educativos. A metodologia adotada fundamenta-se na defesa de uma formação docente comprometida com a democratização do conhecimento, com a valorização dos saberes populares.



DISCUSSÃO E RESULTADOS

As discussões desenvolvidas no trabalho evidenciam que a formação de professores/as da Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente no do Território do Sisal, encontra-se fragmentadas pelo sistema imposto. Nesse sentido, refletir sobre a prática docente na modalidade implica compreender que os processos educativos não acontecem de forma neutra, mas são atravessados por relações de poder, disputas políticas, desigualdades territoriais e processos históricos de exclusão social. Os resultados da pesquisa demonstram que muitos/as professores/as da EJA ainda enfrentam desafios relacionados à ausência de formação específica para atuação na modalidade. A formação inicial docente apresenta pouca discussão acerca das especificidades da Educação de Jovens e Adultos. As análises desenvolvidas evidenciam que a fragilidade das políticas públicas de formação continuada. Tal cenário fortalece práticas pedagógicas distantes das necessidades concretas dos educandos e dificulta a construção de propostas educativas contextualizadas e emancipatórias. Os resultados das discussões também apontam que práticas pedagógicas fundamentadas na educação popular contribuem significativamente para fortalecer processos educativos mais humanizadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões deste trabalho evidenciam o pensar na formação de professores/as da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Território do Sisal, exige romper com perspectivas compensatórias, assistencialistas e tecnicistas que. A EJA precisa ser compreendida como território político de produção de saberes, fortalecimento das identidades coletivas, construção da cidadania e resistência dos sujeitos historicamente excluídos. A análise realizada demonstra que os desafios enfrentados pela modalidade estão profundamente relacionados às desigualdades que atravessam a sociedade brasileira e, de maneira específica, às condições vivenciadas pelas populações do campo. Compreender a formação de professores/as da EJA implica reconhecer que a prática docente. Essa discussão assume maior relevância diante das especificidades sociais, culturais produzidas. As discussões realizadas também evidenciam a importância da formação continuada enquanto espaço permanente de reflexão crítica sobre a prática pedagógica.Conclui-se, que a formação de professores/as da EJA fundamentada nos princípios da educação popular contribui para fortalecer práticas educativas comprometidas com a democratização do conhecimento, com a valorização dos sujeitos populares e com a construção de processos pedagógicos críticos e emancipatórios.



Palavras-Chave: Educação de jovens e adultos; formação docente; educação popular; território do sisal; saberes populares.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. Educação de Jovens-Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio (org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ARROYO, Miguel González. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC/CNE, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília: MEC/CNE, 2002.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

